

O SUJEITO NA ESTÉTICA DE LUKÁCS*The Subject in Lukács Aesthetics*Carlos Henrique Ferreira Magalhães¹ <https://orcid.org/0000-0001-9977-2497>Jordana dos Santos Silva² <http://orcid.org/0000-0003-4839-2587>**RESUMO**

Este artigo visa analisar a relação sujeito-objeto na Estética de Lukács. Como técnica de interpretação usamos a hermenêutica-dialética, a qual visa identificar o caminho do pensamento do autor. Parece-nos ser de grande importância investigar e entender este tema que engloba arte e estética na vida das pessoas, principalmente a relação sujeito-objeto, pois Lukács afirma que não existe objeto sem sujeito. Sendo assim, o sujeito criador de determinado objeto deixa nele seus traços subjetivos, os quais provêm de suas condições objetivas.

Palavras-chave: Cotidiano. Relação Sujeito-Objeto. Estética.

ABSTRACT

This article aims to analyze the subject-object relationship in Lukács Aesthetics. As an interpretation technique, we use hermeneutics-dialectics, which aims to identify the path of the author's thought. It seems to us to be of great importance to investigate and understand this theme that encompasses art and aesthetics in people's lives, especially the subject-object relationship, as Lukács says that there is no object without a subject. Thus, the subject creator of a given object leaves its subjective traits in it, which come from its objective conditions.

Keywords: Quotidian. Relation Subject-object . Aesthetics.

¹ Professor Associado I do Departamento de Educação Física da UEM-PR. E-mail: chfmagalhaes@uem.br

² Licencianda em Educação Física da UEM-PR

Introdução

A síntese filosófica da Estética de Lukács passou por grandes metamorfoses ao longo de sua vida (TERTULIAN, 2008), tanto que, seus escritos da juventude possuem inúmeras diferenças com os de sua maturidade, mas com algumas similitudes. Em sua estética primeira, década de 1910, apoiou-se em Kant, após a Revolução Russa, 1917, foi buscando suas bases no materialismo histórico-dialético, para entender e transformar a realidade. Na década de 1950 estudou com afinco a Estética. Nessa reflexão estabeleceu diversas relações entre a vida cotidiana (a realidade) e a arte. A vida cotidiana, na Estética de Lukács (1963), é o ponto de partida e também de chegada. Pois, Lukács (1963) entendeu que a origem da catarse está na vida cotidiana dos seres humanos. Sendo as ações humanas receptoras e reprodutoras e produtoras da realidade.

Lukács, em suas obras, considera a arte e a ciência como formas puras de reflexo da realidade (TERTULIAN, 2008). Portanto, com o decorrer dos tempos, os seres humanos foram criando e aperfeiçoando essas duas formas de reflexo da realidade (arte e ciência), para que elas proporcionassem uma análise da realidade a fim de transformá-la ou mantê-la. Diversos problemas, contradições e necessidades os quais se fazem presentes na vida cotidiana ainda existem e perduram, pois assim que homem consegue suprir uma determinada necessidade surgem outras distintas e assim se faz a vida cotidiana na história. Lukács (1965) nos assevera que a Arte Realista e a Ciência partem das contradições do cotidiano, da realidade e após elaborações numa síntese superior ao pragmatismo do cotidiano voltam ao mesmo seja por meio de leis que a ciência elabora ou num processo de desfeticização do ser social que a Arte Realista tem como possibilidade.

Na arte, e também na estética, o sujeito tem a possibilidade, e a liberdade, de objetivar sua visão sobre a realidade cotidiana, explicar realmente, de forma estética, como aquela realidade é com as suas múltiplas determinações, visando apresentar sua essência. Podendo deixar em sua criação traços característicos da subjetividade do sujeito. Essa objetivação da subjetividade do sujeito, algumas vezes aproxima-se da reflexão da realidade de outras pessoas que vivem no mesmo cotidiano.

Para Lukács, a arte foi sempre uma mediação privilegiada entre a subjetividade e o mundo, capaz de captar e sensibilizar o humano na totalidade de suas forças anímicas (PATRIOTA, 2010).

Entendemos ser de grande importância pesquisar e nos aprofundar no tema que engloba arte e estética na vida cotidiana das pessoas, e também, a relação destas com os sujeitos. Visto que a sociedade encontra-se predominantemente estranhada, fetichizada, devido uma relação social a qual faz de sujeitos objetos e transforma objetos em sujeitos. Vê-se que o homem não se observa como sujeito em sua totalidade, mas sim como um objeto pertencente ao sistema, haja vista que não observa que a riqueza da humanidade é produzida pelas suas mãos, braços, pensamento e pernas no trabalho, todavia a mesma riqueza que produz, dela não se apropria. Deste modo, o sujeito acaba se tornando objeto e o objeto ao qual ele produz acaba se tornando sujeito.

Nossa análise, nossa técnica de leitura, da Estética, de Lukács (1963) foi realizada por meio da hermenêutica-dialética (MINAYO, 2013). A hermenêutica trabalha com a comunicação da vida cotidiana e do senso comum, dentro dos pressupostos de que o ser humano é um ser histórico e finito (MINAYO, 2013), o qual tem na linguagem seu principal meio de comunicação. A dialética é a ciência e a arte do diálogo, da pergunta e da controvérsia (MINAYO, 2013). Buscando, nos fatos, seus núcleos escondidos e contraditórios, para então se fazer a crítica. Sendo assim, quando acontece a junção dessas duas metodologias temos a hermenêutica-dialética, a mesma visa captar o caminho do pensamento do autor, valoriza as complementariedades e oposições que a hermenêutica tinha a proporcionar para a dialética e vice-versa. Porém, enquanto a hermenêutica enfatiza o significado do que é consensual, da mediação, do acordo, da unidade de sentido, a dialética se orienta para a diferença, o contraste, a ruptura de sentido e, portanto, para a crítica (MINAYO, 2002, p.168). Dito isso, buscaremos explicar o processo de elaboração da relação sujeito-objeto com a Estética de Lukács (1965), pois acreditamos que esses pressupostos teóricos podem vir a ser relevantes para a fundamentação de uma prática escolar (SILVA JÚNIOR, FERRETI, 2004). A prática escolar é o tempo e espaço pedagógico em que há o predomínio do pragmatismo e do cognitivismo cotidiano. Essa prática escolar organiza um pólo de contradição na sua teleologia: uma formação no sentido do *em-si* ou uma formação no sentido *para-si*. A objetivação, ou seja, a materialização de uma das finalidades apontadas, exigirá uma apropriação da realidade. Nesse momento a previa-ideação é colocada em ação quando a subjetividade humana passa a refletir a objetividade social a fim de identificar a teleologia a ser buscada e os meios para consolidá-la. “A apropriação é, portanto, antes de tudo, um momento histórico da formação social do indivíduo, ainda que neste momento sob a forma de potência na consciência humana”. (Silva Júnior, 2004, p.86). Assim, entendemos que a apropriação da realidade que a Arte Realista possibilita, de acordo

com Lukács (1965), pode contribuir com a problematizações na objetivação de uma prática escolar (SILVA JÚNIOR, 2004) que vise a apropriação da cultura clássica (SAVIANI, 2011) e contribua com um tensionamento num processo de desfetichização.

Materiais e Métodos

Foi utilizado como pressuposto metodológico as orientações do professor José Paulo Netto (2011), apoiado no materialismo histórico-dialético. Toda realidade social ou prática social possui um movimento histórico que pode ser compreendido com um triplo movimento. Conseguir identificar a singularidade e a universalidade de uma particularidade, no nosso caso a Estética, constitui-se no pressuposto metodológico orientado. Dessa forma a particularidade da estética foi analisada com a universalidade produzida pela base material que configura a sociedade regida pelo capital.

O Sujeito Na Estética De Lukács

Georg Lukács (2009) nos asseverou que a arte autêntica provém do Realismo. Na Arte Realista a substância humana se faz presente, objetivando a humanitas. Desse modo o escritor, ou artista, que visa com sua obra lutar contra relações sociais fetichizadas torna-se um oponente do irracionalismo.

Com efeito, refletir e analisar o papel da Estética na formação de uma subjetividade autêntica é de suma importância, haja vista que essa possibilidade nos permite compreender a relevância da arte como possibilidade de entender a realidade a fim de transformá-la. Observamos que na relação social regida pelo capital, quando alguns sujeitos viram objetos e objetos viram sujeitos, essa fetichização intensifica o estranhamento do homem em relação a si, o estranhamento em relação ao outro e o estranhamento em relação a realidade. Pois, o sujeito não se encontra, não conhece a si mesmo, não conhece o outro, não se realiza, não se percebe nas suas objetivações. Desse modo o valor de troca constitui a mediação entre sujeitos.

A lógica da relação social regida pelo capital a qual a classe que detém os meios de produção faz com que a classe que somente tem sua força de trabalho seja obrigada a se vender em troca de um salário. Essa condição da relação social capitalista intensifica o estranhamento humano. Assim, Lukács (2010) assevera que a relação social capitalista constitui o maior contraste entre classes sociais, jamais visto em outra formação econômica anterior. O trabalho estranhado é a síntese de um estranhamento genérico que penetra em todas as esferas da sociabilidade humana, pois a totalidade da apropriação do trabalho é uma realidade objetiva a qual se funda no desequilíbrio histórico-econômico-social entre, produção, distribuição, circulação e apropriação do trabalho social.

Lukács (2009) assevera que não existe objeto sem sujeito, pois todo objeto é criação de um sujeito. Ainda nos afirma o filósofo: “a essência estética do objeto consiste, como temos dito inúmeras vezes, em evocar certas vivências no sujeito receptor por meio da mimesis, que é uma forma específica de reflexo da realidade objetiva” (1965, p. 231).

Assim a objetivação da subjetividade do sujeito constitui-se a finalidade da estética com base no realismo. O artista necessita conhecer a essência da realidade com sua sensação, sua percepção e seu pensamento a fim de elaborar suas objetivações. O saudoso professor Leandro Konder (2013) nos lembra que, segundo Lukács, toda boa arte defende a integridade humana. Conhecer a realidade concreta com suas múltiplas determinações para a Arte Realista é de suma importância, pois o conhecimento de si do homem exige o reconhecimento da particularidade artística objetivada em mediação com a universalidade, da totalidade que compõem o gênero humano. Dessa forma supera-se qualquer objetivação pastiche que ao invés de produzir uma alternativa para a compreensão da realidade para transformá-la, mais intensifica o estranhamento do sujeito. Assim, a subjetividade humana tem uma força significativa no campo da arte.

Com efeito, a estética, a partir do Realismo, não é somente um simples reflexo da realidade e também não é uma cópia. Mas sim, um reflexo dialético, um reflexo realista, que consiste na interação entre a subjetividade do artista com sua objetividade a partir da realidade.

Breves Considerações da Origem da Arte

Para entendermos a estrutura e a dinâmica da arte, aqui nesse estudo, sintetizaremos uma breve introdução de suas origens, de como se estruturou, para que possamos entendê-la no tempo presente. Desse modo, realizamos uma breve introdução sobre o possível começo das manifestações artísticas.

A arte acompanha a história da humanidade. Mas certamente não podemos igualar a arte das sociedades primitivas com a arte realista e a estética que estamos tratando ao decorrer do texto. Não podemos negar que nas sociedades primitivas existia arte, mas, obviamente, tais manifestações eram distintas das que estamos tratando neste texto. Levando em conta que existem muitas razões pelas quais um sujeito realiza alguma manifestação artística ou estética, estão presentes diversos fatores nesta manifestação.

A Grécia clássica, talvez tenha sido o local de consolidação do processo de criação artística, pois a divisão social do trabalho permitia que os homens da aristocracia grega, classe dominante, tivessem tempo livre para poder se dedicar a atividades intelectuais, enquanto os escravos, classe dominada, trabalhavam para manter o ócio daquela classe. O teatro grego é um grande exemplo de como esses homens tinham um bom desenvolvimento da sua ontologia, pois os diálogos eram contundentes. Para desenvolver tais peças teatrais esses homens se baseavam em mitos e crenças da época, criando assim uma expressão simbólica da realidade.

Com a emergência do modo de produção capitalista, por volta do século XV, a organização política, social, cultural e econômica faz com que a divisão social entre classe dominante e classe dominada tenha uma nova aparência. O trabalho assalariado, o trabalho produtivo, trabalho que produz mais-valia, passa a ser uma forma alternativa de produzir valor e acúmulo de capital para a classe dominante. Um dos autores célebres nesse momento de implantação da organização social capitalista foi William Shakespeare (1564-1616). Suas obras como *Rei Lear* e *Macbeth* apresentam um cenário da formação de seres sociais egoístas, traiçoeiros e covardes na busca de domínio do poder econômico-político. A conquista desse poder é representada pelas mais sórdidas ações humanas bem distinta da Grécia antiga que valorizava homens heróis como Aquiles. Seu olhar realista para a política, mesmo após 400 anos de sua obra, ainda continua uma fonte brilhante para entender o Estado no tempo presente. As contradições na formação do ser social, as subjetividades autênticas e inautênticas, fazem-se presente na sua obra. Assim, Lukács nos afirma

que: “Shakespeare há utilizado realmente hasta la sociedad motivos de esta clase em el ciclo de sus dramas reales”. (1965, p.269)

No processo de produção estética existe uma unidade dialética entre sujeito e objeto, isso representa a teoria materialista do reflexo da realidade. Assim, a estética lukacsiana afirma a importância do sujeito na criação da obra de arte, pois sem ele, juntamente com seus aspectos subjetivos não existiria produção artística. Lukács (2010) entende ser de extrema importância a autoconsciência na formulação de uma estética que contém bases no materialismo histórico-dialético. Para o filósofo húngaro, o ideal seria uma unidade entre a subjetividade do artista com sua objetividade, pois como o mesmo já ressaltou, não existe objeto sem sujeito. Pois o conhecimento de si do homem não acontece sem o conhecimento do conjunto de suas relações com o mundo externo. Lukács (1965) considera a interpenetração de ética e estética como uma questão antiga. E tanto uma quanto a outra são abstrações razoáveis, pois são conexões conceituais que brotam de fatos reais, da própria vida, cuja contraposição pode, por vezes, emanar das necessidades do ser social. Assim, a estética e a ética possuem uma proximidade na medida em que as objetivações estéticas são revelações da subjetividade do sujeito, da sua ontologia, a qual indicará uma preocupação com homens livres³, sem a exploração do homem pelo homem ou de uma relação humana a qual se afirme a naturalidade de uma classe social se sobrepôr a outra. Com efeito. aqui reside nos valores que organizam uma relação social o seu caráter ético. Assim, efetivamente, encontra-se o núcleo da argumentação do filósofo Georg Lukács (PATRIOTA, 2010) a respeito da arte na formação do sujeito para compreender e transformar a realidade.

Lukács (1965) na metade da década de 50, em sua teoria da diferenciação categorial do reflexo (ciência e arte) expõe que:

O reflexo científico só pode cumprir a finalidade que lhe foi destinada socialmente se captar a realidade em sua legalidade ou essencialidade, depurando-a ao máximo de condicionamentos subjetivos e formando, através de conceitos, uma cadeia de determinações generalizadoras. O discurso científico é, por isso, desantropomorfizador. A arte, por sua vez, antropomorfiza, pois liga a objetividade à subjetividade, a essência ao fenômeno, aproximando, assim, os contrários. Se na ciência, a categoria ordenadora central é a universalidade, na arte, esta categoria – e Lukács admite seguir uma indicação de Goethe – é a particularidade. Só ela pode tornar sensível, singular e evocativa, sem perda de conteúdo, as determinações universais da vida humana (PATRIOTA, 2010, p. 18).

³ Karl Marx (1991) que o desenvolvimento humano e uma vida com liberdade objetiva, concreta exige “ a redução da jornada de trabalho” (p.942).

Na perspectiva do autor, subsiste uma interação dialética entre refiguração e aplicação consciente à vida, em que o propósito da arte é desfetichizar o mundo alienado em que vivem os sujeitos no modo de produção capitalista. (LUKÁCS, 1965 b). De acordo com Lukács (1965b), a arte afirma-se em sua irreduzível especificidade, como uma intensificação do drama humano que na vida cotidiana se apresenta de forma descontínua, rarefeita. Dessa forma, na vida cotidiana, não nos damos conta do drama ao qual estamos submetidos, devido à forma ligeira e descontínua em que as situações acontecem. Na visão ontológica de Lukács, a arte é uma atividade que parte da vida cotidiana para, em seguida, a ela retornar, produzindo nesse movimento reiterativo uma elevação na consciência sensível dos indivíduos, consciência essa, que o faz analisar as relações sociais, com maior rigor.

Um dos fatores que chamam a atenção na Estética de Lukács (1965) é a necessidade de unidade de reflexão e ação na vida cotidiana. Pois, para determinar o comportamento estético é importante estar atento principalmente ao dia-a-dia, as necessidades que estão postas no cotidiano. Isso pode ser notado nas obras de Sheakspeare. Na obra Rei Lear quando o Rei vai a óbito seus três filhos se matam para ser o postulante do assento do pai. Mais recentemente, podemos destacar Néelson Rodrigues, na obra o Casamento, a qual retrata a hipocrisia, a decadência da pequena burguesia carioca da década de 1960. Essa para manter sua propriedade privada dos meios de produção, de duas famílias indo à falência, promove o casamento de seus filhos homossexuais os quais, são tratados pelos pais sem afeto, não como sujeitos e sim como objetos (MAGALHÃES, 2020).

Na obra de Lukács é possível notar forte influência marxista, apesar de Marx nunca ter realizado um estudo aprofundado sobre problemas literários, no sentido estrito da palavra. Todavia, vale salientar que esses pontos não se desligam do processo unitário da história. Pois, para Marx e Engels (2007), só existe uma ciência unitária, a ciência da história, que concebe a evolução da natureza, da sociedade, do pensamento, entre outras singularidades, como um processo único, procurando descobrir leis gerais e leis particulares, ou seja, fatos que se repetem na história, fatos que fazem a história. (MARX e ENGELS, 2010). Deste modo, Marx e Engels negam que seja possível compreender o desenvolvimento da ciência, ou da arte, com base exclusivamente, ou até mesmo principalmente, em suas conexões imanentes, pois a história está em constante movimento o

tempo todo, sendo assim, não é possível que apenas um fator seja o responsável por uma determinada mudança na vida de um ser social.

Devido ao fato de Marx e Engels (2010) não se aprofundarem somente no campo da literatura e da arte, seus escritos estendem-se ao integral desenvolvimento da sociedade. Pois, ao analisarmos o desenvolvimento de qualquer relação social, observaremos que o desenvolvimento econômico e social se faz presentes em qualquer período histórico. Para Marx e Engels (2010), a relação social capitalista é extremamente desfavorável ao desenvolvimento da arte e da literatura. Sendo o materialismo histórico-dialético uma concepção abrangente, dinâmica e dialética, capaz de proporcionar a superação das aparências fetichizadas nos fenômenos buscando revelar as essências contraditórias com suas múltiplas determinações. Uma das teses fundamentais que o materialismo histórico-dialético sustenta, diz respeito a tomada de consciência do mundo exterior. Essa é conquistada com um reflexo da realidade, que independe das ideias, crenças, consciência, representações e sensações do homem. Isso fez com que Lukács (1965, 2010) designasse que a meta de um grande escritor sempre foi a reprodução artística da realidade e a fidelidade ao real. Assim Lukács (2010) cita uma afirmação de Engels: “O realismo supõe , a meu ver, além da fidelidade aos pormenores , a reprodução exata de caracteres típicos em circunstâncias típicas” (p.106) .A estética marxista, ao mesmo tempo em que coloca o realismo no centro da teoria da arte, combate firmemente qualquer espécie de naturalismo, qualquer tendência à mera reprodução da superfície perceptível do mundo exterior, assim como as extravagâncias da arte pós-moderna irracionalista (RODRIGUES, 2006). Marx e Engels (2010) e Lukács (2010) observavam em Shakespeare e Balzac a arte realista que melhor representava a Estética que professavam. Pois para eles a verdadeira arte visa:

O maior aprofundamento e à máxima abrangência na captação da vida em sua totalidade onicompreensiva. A verdadeira arte, portanto, sempre se aprofunda na busca daqueles momentos mais essenciais que se acham ocultos sob a superfície dos fenômenos, mas não representa esses momentos essenciais de maneira abstrata, ou seja, suprimindo os fenômenos ou contrapondo-os à essência; ao contrário, ela apreende exatamente aquele processo dialético vital pelo qual a essência se transforma em fenômeno, se revela no fenômeno, mas figurando ao mesmo tempo o momento no qual o fenômeno manifesta, na sua mobilidade, a sua própria essência. Por outro lado, esses momentos singulares não só contêm neles mesmos um movimento dialético, que os leva a se superarem continuamente, mas se acham em relação uns aos outros numa permanente ação e reação mútua, constituindo momentos de um processo que se produz sem interrupção. A verdadeira arte, portanto, fornece sempre um quadro de conjunto da vida humana, representando-a no seu movimento, na sua evolução e desenvolvimento (MARX e ENGELS, 2010, p.26).

Não é a consciência do homem que determina o seu ser, mas, ao contrário, é o seu ser que determina a sua consciência (MARX e ENGELS, 2010, p.97). É a prática social na vida cotidiana que conduz seus pensamentos e ações. Para o pensamento executar abstrações é necessário que o ser social identifique suas necessidades, que negue as aparências dos fatos, observe que as contradições construtoras de histórias distintas de acordo com a classe social. A consolidação do sujeito e de suas objetivações faz-se com a organização de sua subjetividade a qual possui uma dependência, e autonomia relativa, das condições objetivas, culturais e materiais a qual se encontra o sujeito. Shakespeare, ainda se constitui num sujeito cuja análise da realidade ainda é mister para pensar o tempo presente, assim como assumir um procedimento analítico superador das aparências dos fenômenos os quais observamos e captando as contradições de sua verdadeira essência.

A arte tem o poder de enriquecer a subjetividade do ser humano, pois é capaz de explicar a realidade de maneira intensificada a partir de um fato simples do cotidiano. Essa explicação acontece por meio do reflexo da realidade, sendo ele encontrado na literatura, na música, nas peças de teatro, nas obras de arte em geral. Associando essas obras de arte realistas, o ser humano é capaz de chegar a desfetichização da realidade, percebendo assim que uma simples ação do seu dia-a-dia pode produzir distintas objetivações, assim como o ser humano pode ter diversas necessidades ainda não reveladas.

Considerações Finais

As reflexões e análises de Marx, Engels (2010) e Lukács a respeito da importância da arte realista como uma particularidade humana a qual contribui para a formação da consciência humana destacando as sensações, as percepções em conjunto com a razão a fim de refletir as relações humanas fetichizadas foram observadas com autores clássicos como Balzac e Shakespeare e aqui incluímos nosso célebre Nelson Rodrigues, ainda se constituem no tempo presente uma possibilidade de educar a sensibilidade e a razão dos sujeitos.

Os diversos fatos históricos que revelam a traição que os homens realizam por meio da política a fim de atender as necessidades particulares ao invés das necessidades que venham atender o bem comum, são observados desde o assassinato de César na antiga Roma até as últimas delações premiadas no tempo presente. Os fatos são semelhantes, embora os cenários e os atores sejam distintos. Homens egoístas, traiçoeiros e covardes em contradição com homens que lutam por uma liberdade genuinamente humana a qual se exige a supressão da exploração do homem pelo homem no trabalho. Assim múltiplos sujeitos se constroem com as distintas apropriações de conhecimentos ao longo de sua vida. Todavia, essas apropriações não possuem neutralidade. Lamentavelmente as ideias dominantes ainda são produzidas pela classe dominante (MARX. ENGELS, 2007).

Nesse cenário com as múltiplas lutas políticas de classes distintas, os autores realistas já realizaram uma série de denúncias da exploração do homem pelo homem. Balzac revelou a exploração que a mulher sofria na França no século XIX, mesmo sendo um homem conservador. Todavia, quando alguém se propõe entender a realidade, na sua essência, a reflexão da realidade é guiada pela razão. A epígrafe do romance de Saramago (1995) “Se podes olhar vê. Se podes ver, repara” é o pressuposto que a Arte Realista nos ensina para contemplar a beleza e o drama para reparar a realidade.

Os grandes autores buscaram uma capacidade intensa de revelar a realidade com suas múltiplas determinações a partir da totalidade. Isso é a manifestação artística dos pressupostos científicos e ontológicos do materialismo histórico-dialético. Realizar a apropriação das grandes obras do passado para entender e transformar o presente é o legado que o materialismo histórico-dialético nos proporciona. Assim a arte por caminhos distintos da ciência, pois a arte não busca leis históricas, mas a sua revelação da realidade intensifica a formação humana contra seu estranhamento e sua fetichização.

A estética marxista, apoiada na Arte Realista, não se constitui numa reprodução aparente da realidade, das percepções imediatas do mundo empírico.

Essas apropriações imediatas produzem idealismos assim como críticas românticas à realidade. Pois essas críticas românticas produzem muitos rebeldes que ao criticarem alguma particularidade da realidade reforçam seu objeto negado, quando as desigualdades humanas objetivas e subjetivas permanecem se reproduzindo no cotidiano.

Com efeito, entendemos que um dos papéis da arte Realista constitui-se na elaboração de uma cultura a qual permita os homens, intensificarem as contradições de sua essência humana, na medida em que o sujeito fique instigado a produzir os instrumentos necessários para transformar a realidade. Esse processo de formação da subjetividade do sujeito a partir da Arte Realista Lukács (1965) designou como antropomorfização, a qual permite o homem entrar em contato com sua ignorância, seu idealismo e com a realidade opressora a qual ele não percebe que reforça com suas ideias e práticas que não são de sua classe.

Superar o pensamento imediato que as aparências da realidade nos colocam constitui-se numa das características que a antropomorfização proporciona para os sujeitos. O reflexo artístico constitui-se numa alternativa real para a educação dos cinco sentidos humanos. Esses sentidos humanos quando em contato com a natureza humanizada possibilitam a sensibilidade humana ser enriquecida, sendo assim mais uma característica do processo de antropomorfização que a arte realista proporciona para o homem combater sua fetichização.

Assim, objetivar uma prática escolar (SILVA JUNIOR e FERRETI, 2004) a qual tenha na Arte Realista a elaboração de pressupostos teóricos para combater relações humanas estranhadas e fetichizadas é uma alternativa concreta para permitir a apropriação da cultura clássica (SAVIANI, 2011) tão necessária na escola pública brasileira para que os filhos da classe trabalhadora possam desenvolver seu psiquismo, sua condição subjetiva, sua objetivação como um sujeito em potência para elaborar um novo capítulo para a história da humanidade com os trabalhadores reduzindo sua jornada de trabalho e vivendo livremente associados.

Referências

KONDER, Leandro. **Os marxistas e a arte**. São Paulo. Expressão Popular. 2013.

LUKÁCS, Gyorgy. **Materialismo e teoria da literatura**. Tradução de Carlos Nelson Coutinho. 2. Ed. São Paulo: Expressão Popular, 2010.

_____. **Arte e Sociedade**: escritos estéticos 1932-1967. Rio de Janeiro. Editora UFRJ. 2009.

_____. **Estética1. La Peculiaridad de lo Estético**. Vol.1. Barcelona. Grijalbo. 1965.

_____. **Estética. La Peculiaridad de lo Estético**. Vol.2. Barcelona. Grijalbo. 1965 (b).

MAGALHÃES, C. F. **A estética de Georg Lukács**: pressupostos para a prática escolar. Revista conjectura: filosofia e educação. Caxias do Sul, v. 25, 2020.

MARX, Karl; ENGELS, Friedrich. **Cultura, arte e literatura**: textos escolhidos. Tradução de José Paulo Netto e Miguel Makoto Cavalcanti Yoshida. 1. Ed. São Paulo: Expressão popular, 2010.

_____. **A Ideologia Alemã**. Rio de Janeiro. Civilização Brasileira. 2007.

MARX, Karl. **O Capital**. Crítica da Economia Política. Livro Terceiro. Vol.VI. Rio de Janeiro. Editora Bertrand Brasil S.A. 1991.

MINAYO, Maria. **O desafio do conhecimento**: pesquisa qualitativa em saúde. 14. Ed., São Paulo: Hucitec, 2013.

PAULO NETTO, José. **Introdução ao estudo do Método de Marx**. São Paulo. Editora Expressão Popular. 2011.

RODRIGUES, Mavi. **Michel Foucault sem espelhos**: um pensador proto pós-moderno. Tese (Doutorado em Serviço Social). UFRJ. 2006.

PATRIOTA, Rainer. **A relação sujeito-objeto na Estética de Georg Lukács**: reformulação e desfecho de um projeto interrompido. Tese. (Doutorado em Filosofia). UFMG. 2010.

SARAMAGO, José. **Ensaio sobre a Cegueira**. São Paulo. Companhia das Letras. 1995.

SAVIANI, Demerval. **Pedagogia Histórico-crítica**: primeiras aproximações. Campinas, São Paulo. Autores Associados, 2011.

SILVA JÚNIOR, João dos Reis & FERRETTI, Celso João. **O Institucional e a cultura da escola**. São Paulo Xamã. 2004.

TERTULIAN, Nicolas. **Georg Lukács**: etapas de seu pensamento estético. São Paulo. Unesp. 2008.

Recebido em: 11/04/2021

Aceito em: 22/04/2021

Publicado em: 01/05/2021